

Diário de Petrópolis, 12 de Março de 2023

As Empresas no Mundo da Guerra Híbrida

Por: Ronaldo Fiani

Guerras sempre foram um problema para a formação das expectativas de gestores e empresários. Por um lado, guerras destroem capacidade produtiva, quando fábricas e infraestrutura sofrem bombardeios. Além disso, guerras geralmente implicam redução na oferta de matérias-primas e de mão de obra, o que pode (juntamente com a destruição de capacidade produtiva) reduzir dramaticamente a oferta de bens e serviços e, desta forma, produzir crises. Por outro lado, guerras podem estimular a economia, especialmente se a destruição de capacidade produtiva e infraestrutura não acontecer. Economistas inspirados por John Maynard Keynes (1883-1946) apontam a II Guerra como o fator que levou efetivamente ao fim da Grande Depressão dos anos 1930 no Estados Unidos, pelas encomendas de equipamento militar do governo norte-americano.

Mas a guerra não é algo terrível? Não destrói vidas humanas e capacidade produtiva? Como a II Guerra pode ter posto fim à Grande Depressão nos Estados Unidos? Ninguém está negando que a guerra é horrível. Mas é preciso olhar, por um momento, a situação econômica. Os Estados Unidos desfrutaram de uma situação peculiar na II Guerra: seu território (com exceção do Havaí) estava fora do alcance da aviação inimiga. Assim, ao contrário das potências aliadas na Europa (França, Grã-Bretanha e a extinta União Soviética), a capacidade produtiva norte-americana praticamente não foi atingida, com exceção de navios da marinha mercante. Portanto, o efeito econômico da II Guerra para os Estados Unidos quase que exclusivamente se limitou ao estímulo

à demanda, pelas compras governamentais de equipamentos militares. Daí a recuperação da economia norte-americana, apesar da imensa tragédia que representou a II Guerra em termos de perdas de vidas humanas.

Desta forma, a avaliação por parte dos empresários e executivos em um país em guerra, até o início deste século implicava considerar os riscos de destruição do seu capital investido por algum tipo de ataque inimigo, e os possíveis estímulos à demanda por seus produtos pelo seu governo, em função da guerra. Por mais que a situação fosse complexa, os elementos envolvidos no cálculo eram relativamente simples: comparava-se a possibilidade de perdas por ataques com as chances de ganhos pelas encomendas governamentais. Todavia, a situação agora mudou: a razão disto é que agora vivemos em um mundo com guerra híbrida.

O conceito de guerra híbrida foi apresentado por Frank G. Hoffman no início dos anos 2000. Guerra híbrida é a combinação de ações militares e políticas, com a finalidade de desestabilizar o inimigo. Assim, guerra híbrida pode envolver, além de ações militares convencionais, ataques cibernéticos, disseminação de boatos e informações falsas (fake news), sanções econômicas, pressão diplomática, ação de grupos paramilitares, interferência em eleições etc. Trata-se de um conceito polêmico. Além do seu caráter vago (afinal, o que guerra híbrida inclui ou deixa de incluir?), outra crítica ao conceito de guerra híbrida é que historicamente ela sempre existiu. Com efeito, o ataque a Pearl Harbor em 1941 foi provocado pelo embargo da venda de petróleo norte-americano ao Japão (naquela época como agora, os Estados Unidos eram os maiores produtores de petróleo).

Contudo, não obstante seus problemas, o conceito de guerra híbrida é extremamente útil para compreendermos o momento que estamos vivendo. Na verdade, o conceito precisa realmente ser vago para ter valor histórico: afinal, as

possibilidades de agir de forma agressiva variam ao longo do tempo e da situação, ainda mais com as inovações digitais e a crescente interdependência global. Simplesmente não é possível fechar um “pacote” de ações como fazendo parte da guerra híbrida, pois mudanças tecnológicas e novas formas de atuação política surgem a todo o momento. Além disso, apesar de o uso de alternativas à ação militar direta sempre ter acontecido, o que mudou atualmente é o emprego estratégico das alternativas que caracterizam a guerra híbrida, visando a evitar ser responsabilizado pelo ataque e, ou sofrer algum tipo de retaliação.

Do ponto de vista dos empresários e gestores de empresas que têm de tomar decisões, a guerra híbrida traz uma dificuldade extraordinária, pois torna difusos os limites da guerra. Afinal, a pergunta básica ao se formular expectativas de produção e investimento de uma empresa, “meu país está ou não em guerra?”, deixa de ter uma resposta clara. Por exemplo, apesar de todas as sanções, Estados Unidos e Rússia não estão em guerra oficialmente declarada. Como não há um conflito aberto, não é possível avaliar com precisão a possibilidade de danos, ainda mais porque uma série de alternativas podem ser empregadas em guerra híbrida, com efeitos econômicos não muito claros: como ilustração, basta levar em conta a dificuldade de avaliar o efeito econômico de eventuais ataques cibernéticos, ou da disseminação de boatos e informações falsas (fake news). Mesmo no caso de sanções econômicas, nem sempre é possível anteciper a sua extensão e duração.

Executivos e empresários vão ter muita dificuldade para formar expectativas com relação à economia, especialmente a economia global.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-233067>

